

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

CRÍTICA DE ARTE

– PINTURA I

2025

ADELICIO MACHADO DOS SANTOS

CRÍTICA DE ARTE

PINTURA I

Editora Pascal

2025

Editor Chefe: Prof. Dr. Patrício Moreira de Araújo Filho

Edição e Diagramação: Eduardo Mendonça Pinheiro

Edição de Arte: Marcos Clyver dos Santos Oliveira

Bibliotecária: Rayssa Cristhália Viana da Silva – CRB-13/904

Revisão: Adelcio Machado Dos Santos

Conselho Editorial

Dr. José Ribamar Neres Costa

Dr. Gabriel Nava Lima

Dr. Diogo Guagliardo Neves

Dr. Claudio Alves Benassi

Dr. Diogo de Almeida Viana dos Santos

Dr. José Ribamar Santos Moraes FilhoDr

Drª Elba Pereira Chaves

Dr. Will Ribamar Mendes Almeida

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S237c

Santos, Adelcio Machado dos

Crítica de arte - pintura I / Adelcio Machado dos Santos — São Luís: Editora Pascal, 2025.

55 f. : il.:

Formato: PDF

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN: 978-65-6068-142-2

D.O.I.: 10.29327/5545510

1. Pintura. 2. Crítica de arte. 3. Artes visuais. 4. Cultura. I. Santos, Adelcio Machado dos. II. Título.

CDU: 75(082)(01))

Qualquer parte deste livro poderá ser reproduzida ou transmitida, sejam quais forem os meios empregados: eletrônicos, mecânicos, fotográficos, gravação ou quaisquer outros, desde que seja citado o autor.

*“Pintar é libertar-se, e isso é o
essencial.”*

Pablo Picasso

Livro dedicado à Luiza

PREÂMBULO

Prof. Dr. Adelcio Machado dos Santos

Primeiramente, a crítica de arte desempenha um papel fundamental na construção e hermenêutica da cultura visual de uma época. Ela não apenas reflete as inquietações e os debates da sociedade em torno das manifestações artísticas, mas também oferece um campo fértil para o diálogo entre artistas, teóricos e o público.

Outrossim, neste volume, “Crítica de Arte – Pintura I”, apresenta-se cuidadosa uma compilação de artigos que, ao longo dos anos, chegaram a lume em jornais, estabelecendo um importante vínculo entre a arte e o cotidiano.

Os textos, escritos por críticos que acompanharam de perto as movimentações do cenário artístico, oferecem ao leitor uma visão plural e rica das transformações das artes visuais em suas mais variadas expressões.

Desde as vanguardas modernas até as propostas contemporâneas, cada artigo aqui presente é um testemunho do esforço em compreender e decifrar a arte que nos cerca, muitas vezes provocativa, outras, contemplativa, mas sempre repleta de significados que extrapolam o campo estético para adentrar no social, no político e no existencial.

Destarte, o papel dos jornais como veículos de divulgação e discussão sobre arte não deve ser subestimado. Durante muito tempo, esses espaços foram os únicos a oferecer ao grande público um acesso consistente as análises críticas, apresentando artistas emergentes, discutindo exposições relevantes e participando ativamente da formação de opiniões e tendências.

Esta coletânea resgata esse papel e o traz para o leitor contemporâneo, possibilitando não apenas um olhar retrospectivo, mas uma reflexão atual sobre o valor e a relevância da crítica na compreensão do fazer artístico.

Entretanto, ao compilar estes artigos, não nos propomos a fornecer respostas definitivas sobre o que é arte e qual é seu papel, além de estimular o leitor a mergulhar na diversidade de visões, estilos e formas de pensar que os textos oferecem.

O diálogo entre o crítico e a obra é sempre aberto, e este livro convida à participação ativa do leitor nessa discussão.

Por final, que a leitura inspire novas reflexões e diálogos, assim como o leitor possa, a cada página, reencontrar-se com o olhar crítico, questionador e apreciativo que a arte, em todas as suas formas, desperta.

BIOGRAFIA DO AUTOR



O Prof, Dr. Adélcio Machado dos Santos, advogado e jornalista (MT/SC 4155), com militância em Jornalismo Cultural e Crítica de Arte. Doutor em Engenharia e Gestão do Conhecimento pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e, Pós-Doutor em Gestão do Conhecimento pela UFSC. O núcleo temático de estudo envolve as linhas de pesquisa: Desenvolvimento e Sociedade, Estudos Culturais e Interdisciplinaridade.

Ex-Reitor, coordenador, vogal da Comissão Própria de Avaliação (CPA), Núcleos Docentes Estruturantes (NDE) e colegiados da Universidade do Alto Vale do Rio do Peixe (UNIARP), na cidade de Concórdia, em Santa Catarina. Integrou os Conselhos Estaduais de Educação, e Cultura e Desportos em Santa Catarina. Atuou como assessor na Assembleia Constituinte de Santa Catarina, Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Tribunal de Contas de Santa Catarina, Secretaria de Estado da Educação e Secretaria de Estado da Fazenda.

É avaliador científico de projetos, eventos, editoras e periódicos. Consultor do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas (INEP), Banco de Avaliadores do Sistema Nacional de Avaliação da Educação (BASIs), Banco Nacional de Itens (BNI), Conselho Estadual de Educação de Santa Catarina (CEE/SC) e Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (FAPESC).

É vogal das seguintes instituições: Associação Nacional de Pesquisa de Pós-Graduação em Música (ANPPOM), Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Artes Cênicas (ABRACE), Conselho Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Direito (CONPEDI), Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (ANPEd), Associação Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (ANCIB) e Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Administração (ANPAD).

Deu a lume a 59 livros, 165 capítulos de livros e 419 artigos científicos.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6663595207403860>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-3916-972X>

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	8
<i>CÂNDIDO PORTINARI – PINTOR DO BRASIL</i>	
CAPÍTULO 2	11
<i>LASAR SEGALL – O MESTRE DE CORES E FORMAS</i>	
CAPÍTULO 3	14
<i>MÁRIO DE ANDRADE - CRÍTICO DE ARTE</i>	
CAPÍTULO 4	17
<i>MÁRIO PEDROSA – O CRÍTICO DE ARTE</i>	
CAPÍTULO 5	20
<i>MONTEIRO LOBATO - O CRÍTICO DE ARTE ANTIMODERNISTA</i>	
CAPÍTULO 6	23
<i>O TALENOSO DI CAVALCANTI</i>	
CAPÍTULO 7	26
<i>PEDRO AMÉRICO - ALÉM DA PINTURA, MUITOS OUTROS TALENTOS</i>	
CAPÍTULO 8	29
<i>SÉRGIO MILLIET – O CRÍTICO DE ARTE EXEMPLAR</i>	
CAPÍTULO 9	32
<i>TARSILA DO AMARAL – A PINTORA</i>	
CAPÍTULO 10	35
<i>VICTOR MEIRELLES - DE SANTA CATARINA PARA O MUNDO</i>	
CAPÍTULO 11	38
<i>A RELEVÂNCIA DA ARTE NA UNIVERSIDADE</i>	
CAPÍTULO 12	41
<i>EXPOSIÇÃO “OS UMANOS” DE DANIEL PARDAL</i>	
CAPÍTULO 13	44
<i>QUAIS SÃO AS ARTES VISUAIS?</i>	
CAPÍTULO 14	46
<i>EXPOSIÇÃO “AMOR SEM OBSTÁCULOS”</i>	
CAPÍTULO 15	49
<i>EXPOSIÇÃO “ÁGUA, UMA MARAVILHA DA NATUREZA”</i>	
CAPÍTULO 16	52
<i>FERREIRA GULLAR - O CRÍTICO DE ARTE</i>	

1

**CÂNDIDO PORTINARI –
PINTOR DO BRASIL**

Preliminarmente, Cândido Portinari avulta entre artistas visuais. Nascido em 29 de dezembro de 1903, na cidade de *Brodowski*, no interior de São Paulo, se destacou por suas obras que retratam com profundidade e sensibilidade a vida e a cultura do povo brasileiro.

Outrossim, desde cedo, Portinari demonstrou talento para as artes. Aos 15 anos, ingressou na Escola Nacional de Belas Artes na cidade do Rio de Janeiro, onde teve contato com mestres do academicismo.

Contudo, foi ao viajar para a Europa, em 1929, que seu estilo começou a se transformar. Em Paris, ele conheceu as vanguardas artísticas e se encantou com o modernismo, absorvendo influências que viriam a moldar sua obra.

Destarte, Portinari é amplamente conhecido por sua capacidade de captar a essência do Brasil em suas pinturas. Seus trabalhos frequentemente abordam temas sociais, retratando a dura realidade dos trabalhadores rurais, os problemas sociais e as tradições culturais brasileiras.

Uma de suas obras mais emblemáticas, “Os Retirantes” (1944), é um poderoso retrato da seca e da migração no Nordeste brasileiro, capturando a dor e a resistência de seu povo.

Outro aspecto notável de sua carreira foi seu compromisso político. Membro ativo do Partido Comunista Brasileiro, Portinari usou sua arte como meio de protesto e conscientização social. Seu mural “Guerra e Paz”, encomendado pela Organização das Nações Unidas (ONU), em 1952, é uma obra monumental que simboliza sua visão do sofrimento causado pela guerra e a esperança de um futuro pacífico. Essa obra, exibida na sede da ONU, em Nova Iorque, consolidou seu reconhecimento internacional.

Conquanto o renome e sucesso, Portinari adversou muitos reptos. Ele sofreu de envenenamento por chumbo, devido ao uso prolongado de tintas tóxicas, o que afetou gravemente sua saúde. Posto isso, continuou a pintar até sua morte em 6 de fevereiro de 1962.

No entanto, a sua obra permanece viva e influente. Sua habilidade em retratar a condição humana e a cultura brasileira com tanta intensidade e verdade, o consagra como um dos maiores artistas do Brasil. Seus murais e pinturas não são apenas obras de arte, mas documentos históricos e sociais refletindo a complexidade e a beleza do Brasil.

Em epítome, trata-se mais do que um pintor; ele é um cronista visual da alma brasileira. Seu legado continua a inspirar gerações de artistas e a enriquecer a compreensão do Brasil e de seu povo.



Por final, os contributos de Portinari para a arte e a cultura são imensuráveis, e sua obra continua a ser um ponto de referência para aqueles que buscam entender a verdadeira essência do Brasil.

2

**LASAR SEGALL – O MESTRE DE
CORES E FORMAS**

Inicialmente, Lasar Segall, nascido em 21 de julho de 1891, na cidade de Vilna, atual Lituânia, foi um dos mais importantes artistas modernistas que militaram no Brasil. Sua obra, marcada por uma intensa expressividade e pela exploração de temas sociais e humanos, é uma síntese entre sua experiência como imigrante judeu e sua sensibilidade às questões da modernidade e da condição humana.

De outro vértice, Segall nasceu em uma família judaica num contexto de grandes transformações e conflitos na Europa Oriental. Estudou na Academia Imperial de Belas Artes de São Petersburgo, na Rússia, e depois em Berlim, na Alemanha, onde entrou em contato com os movimentos de vanguarda europeus. Em Berlim, integrou o grupo “*Die Aktion*”, que promovia a arte moderna e as ideias do expressionismo, movimento que viria a influenciar profundamente sua obra.

Outrossim, em 1923, Lasar Segall migrou para o Brasil, onde encontrou um novo campo fértil para o desenvolvimento de sua arte. Inicialmente, radicou-se em São Paulo, onde se conectou com outros artistas e intelectuais modernistas brasileiros, como Mário de Andrade e Oswald de Andrade, que também estavam explorando novas formas de expressão artística. A chegada de Segall ao Brasil coincidiu com o período em que o modernismo brasileiro ganhava força, e ele se tornou um dos expoentes desse movimento.

Por conseguinte, a obra de Segall no Brasil se destaca pela abordagem de temas universais, como a dor, o sofrimento, a migração, a guerra e a opressão. Esses temas, tratados com um traço expressionista, revelam uma profunda empatia com as experiências humanas de mortificação e desamparo. As suas pinturas, gravuras e esculturas são caracterizadas por figuras alongadas, rostos marcados pela angústia e cores fortes e contrastantes, que conferem dramaticidade às cenas representadas.

Entre suas obras mais conhecidas estão as séries que abordam o sofrimento dos refugiados e as consequências da guerra, como “Navio de Emigrantes” (1939-1941), onde retrata o drama dos exilados que, assim como ele, foram forçados a deixar suas terras natais em busca de sobrevivência.

Ademais disso, suas representações de paisagens brasileiras, como os quadros que retratam as favelas e o cotidiano das populações marginalizadas, demonstram um olhar atento às desigualdades sociais e às condições de vida das classes menos favorecidas no Brasil.

Segall também se destacou como escultor, criando obras que mantinham a expressividade e o rigor formal presentes em suas pinturas e gravuras. Sua obra escultórica reflete a mesma preocupação com a condição humana, explorando vo-

lumes e formas que transmitem o peso da existência.

O contributo de Lasar Segall para a arte brasileira e mundial vai além de sua produção artística. Ele fundou, junto com outros artistas, a Sociedade Pró-Arte Moderna (SPAM), que teve um papel fundamental na difusão do modernismo no Brasil. Em 1967, alguns anos após sua morte em 1957, sua casa em São Paulo foi transformada no Museu Lasar Segall, um espaço dedicado à preservação de sua obra e à promoção de atividades culturais.

Em epítome, Segall, ao longo de sua vida e obra, capturou a essência de um mundo em transformação, marcado por conflitos, migrações e pela busca incessante de identidade e pertencimento.

Por final, o seu legado artístico permanece vivo, não apenas como um reflexo do seu tempo, mas como uma voz universal que ressoa através das gerações, convidando-nos a refletir sobre a condição humana em suas múltiplas facetas.



3

**MÁRIO DE ANDRADE -
CRÍTICO DE ARTE**

Em primeiro lugar, Mário de Andrade, uma das figuras centrais do movimento modernista brasileiro, é frequentemente lembrado por seu contributo literário e cultural. No entanto, sua atuação como crítico de arte é igualmente significativa e revela uma faceta essencial de seu pensamento e de sua atuação intelectual. Como crítico, Mário de Andrade se destacou por sua visão ampla, crítica aguçada e profundo entendimento da arte e de seu papel na construção de uma identidade cultural brasileira.

O período modernista foi marcado por uma ruptura com as tradições artísticas anteriores, buscando novas formas de expressão que refletissem a complexidade e a diversidade da realidade brasileira. Mário de Andrade, como um dos líderes desse movimento, foi um dos principais articuladores de uma nova estética que valorizava a autenticidade e a inovação. Sua crítica de arte esteve sempre alinhada com esses princípios, promovendo um olhar renovado sobre a arte e questionando os cânones estabelecidos.

Para Mário, outrossim, a crítica de arte não era apenas uma análise formal das obras, mas também um exercício de reflexão sobre a cultura e a sociedade. Ele entendia que a arte tinha um papel fundamental na construção da identidade nacional e que a crítica deveria, portanto, ser uma ferramenta para a compreensão desse processo. Seu olhar crítico era voltado para a busca de uma arte genuinamente brasileira, que expressasse as particularidades do país sem se submeter as imitações de modelos europeus.

Um dos aspectos mais inovadores da crítica de Mário de Andrade foi sua valorização da arte popular. Em um período em que a arte erudita era frequentemente vista como superior, Andrade desafiou essa visão, destacando a riqueza e a autenticidade das manifestações culturais populares. Ele acreditava que a arte popular era uma expressão legítima da cultura brasileira e que, ao ser integrada à arte erudita, poderia contribuir para a criação de uma estética verdadeiramente nacional.

Ademais de “performance” na crítica, Mário efetuou papel relevante na formação de novos artistas. Através de suas críticas, ele orientava e incentivava os artistas a explorarem novas possibilidades e a se libertarem das amarras do academicismo. Sua visão crítica foi fundamental para o desenvolvimento de uma nova geração de artistas que, influenciados por suas ideias, contribuíram para a consolidação do modernismo no Brasil.

O legado de Mário de Andrade, como crítico de arte, é vasto e continua a influenciar o pensamento sobre a arte no Brasil. Sua abordagem crítica, que unia a análise estética a uma reflexão mais ampla sobre a cultura e a sociedade, permane-

ce relevante até hoje. Andrade nos ensinou a ver a arte não apenas como um objeto de contemplação, mas como um reflexo e um agente de transformação social. Sua crítica de arte, marcada pela sensibilidade e pela inteligência, contribuiu de forma decisiva para a valorização da arte brasileira em suas múltiplas manifestações.

Em epítome, Mário de Andrade foi um pensador que usou a crítica como um instrumento para entender e valorizar a cultura brasileira. Seu legado continua vivo, inspirando novas gerações a olhar para a arte com um olhar crítico, mas também com um profundo respeito pelas raízes culturais do país.

4

**MÁRIO PEDROSA – O CRÍTICO
DE ARTE**

Preliminarmente, Mário Pedrosa (1900-1981) foi um dos mais importantes críticos de arte do Brasil, com uma influência que se estendeu muito além das fronteiras nacionais. Seu trabalho não só ajudou a moldar o entendimento da arte moderna no Brasil, mas também teve um impacto significativo no desenvolvimento da crítica de arte como um campo acadêmico e intelectual. Pedrosa iniciou sua carreira acadêmica estudando medicina, mas logo mudou seu foco para as ciências sociais, particularmente a psicanálise e a filosofia.

Outrossim, sua formação multifacetada forneceu-lhe uma base teórica sólida, permitindo que ele abordasse a arte de uma perspectiva interdisciplinar. No final da década de 1920, Pedrosa mudou-se para Paris, onde entrou em contato com as vanguardas europeias, particularmente o surrealismo e o construtivismo, que influenciaram profundamente sua visão crítica.

De outro vértice, ao retornar ao Brasil, Pedrosa tornou-se uma figura central na promoção e análise da arte moderna. Ele estava profundamente envolvido com a Associação Brasileira de Críticos de Arte (ABCA) e foi um dos fundadores do Museu de Arte Moderna de São Paulo (MAM-SP). Suas críticas eram conhecidas por sua clareza e rigor, além de sua capacidade de contextualizar a arte dentro de um quadro social e político mais amplo.

Destarte, Pedrosa era um defensor fervoroso da arte abstrata e da arte concreta, vendo nelas uma forma de expressão que poderia transcender as limitações do realismo e do nacionalismo. Ele acreditava que a arte deveria ser um meio de emancipação social e intelectual, uma visão que estava alinhada com seu compromisso político com o socialismo. Sua crítica não se limitava apenas às obras de arte, mas também incluía uma análise profunda das condições sociais e políticas que as moldavam.

Um dos contributos mais notáveis de Pedrosa foi sua análise da obra de artistas brasileiros, como Cândido Portinari e Tarsila do Amaral. Ele via esses artistas como fundamentais para a construção de uma identidade artística nacional que, ao mesmo tempo, estava em diálogo com as tendências internacionais. Pedrosa argumentava que a arte brasileira deveria ser capaz de refletir sua própria realidade social e cultural, mas também deveria ser capaz de se inserir no contexto global da arte moderna.

Ademais da militância crítica, Pedrosa também foi um teórico influente. Seus escritos sobre a teoria da arte e estética são amplamente estudados e continuam a ser uma referência importante. Em seu livro “Da Natureza Afetiva da Forma na Obra de Arte”, ele explora a relação entre a forma artística e a experiência afetiva do espectador, argumentando que a arte tem a capacidade única de criar uma co-

nexão emocional profunda que transcende a racionalidade.

Pedrosa também teve um papel importante como curador, organizando exposições que ajudaram a consolidar a reputação de muitos artistas modernos brasileiros. Ele foi um dos responsáveis pela Bienal de São Paulo, um dos eventos de arte mais importantes da América Latina, onde trabalhou para garantir que a arte brasileira fosse adequadamente representada e apreciada.

O legado de Mário Pedrosa é vasto e multifacetado. Sua contribuição para a crítica de arte no Brasil é inestimável, não apenas por sua análise rigorosa e esclarecida, mas também por seu compromisso com a promoção de uma arte que pudesse ser um veículo de mudança social e intelectual.

Por final, ele permanece uma figura central na história da arte brasileira, e seu trabalho continua a inspirar novas gerações de críticos, historiadores e artistas.



5

**MONTEIRO LOBATO
- O CRÍTICO DE ARTE
ANTIMODERNISTA**

Em primeiro lugar, Monteiro Lobato é amplamente conhecido por seu papel como escritor e editor, especialmente no campo da literatura infantil, mas uma faceta menos explorada de sua trajetória é a de crítico de arte. Sua posição antagônica ao modernismo no Brasil, sobretudo em relação às artes plásticas, reflete um confronto entre a tradição estética e as novas tendências que emergiram no início do século XX.

Lobato tornou-se, de certa forma, arauto do ponto de vista conservador que rejeitava a experimentação e a ruptura com os cânones clássicos, propugnando arte mais ligada ao realismo e à imitação da Natureza.

No entanto, o episódio que melhor ilustra essa sua faceta crítica foi a polêmica gerada após a Exposição de Anita Malfatti, em 1917. Em um artigo intitulado “Paranoia ou Mistificação?”, publicado no jornal “O Estado de São Paulo”, Lobato condenou a obra de Malfatti, que representava o ponto de encontro das influências europeias do expressionismo e do futurismo com a arte brasileira. A crítica de Lobato era feroz e direta: ele via naquelas pinturas não uma manifestação genuína de talento, mas uma imitação acrítica de modismos estrangeiros, que, em sua visão, deformavam a realidade em nome de uma estética “doente”.

Outrossim, para ele, a arte deveria ser compreensível ao público e comunicar-se de maneira clara e objetiva. Ele acreditava que as inovações do modernismo resultavam em um distanciamento da realidade, algo que considerava prejudicial. Sua visão era profundamente enraizada em uma concepção de arte utilitária e nacionalista. Ele defendia uma arte que pudesse contribuir para o desenvolvimento cultural e social do país, em vez de uma arte que, em sua opinião, se voltava para as elites e era incompreensível para a maior parte da população.

O modernismo, por outro lado, representava uma tentativa de romper com o academicismo e buscar novas formas de expressão. Para artistas como Anita Malfatti e mais tarde Tarsila do Amaral, o modernismo era uma forma de libertar a arte brasileira das convenções rígidas e engajar-se com as vanguardas internacionais.

No entanto, Lobato via nessa tentativa de diálogo com as correntes estrangeiras uma ameaça à autenticidade da arte nacional, o que o levou a se opor veementemente ao movimento.

Por conseguinte, essa oposição culminaria em seu isolamento das gerações modernistas que despontaram na década de 1920, principalmente após a Semana de Arte Moderna de 1922, evento que consolidou o modernismo no Brasil. Enquanto artistas como Mário de Andrade e Oswald de Andrade promoviam uma nova forma de ver e representar o Brasil, Lobato mantinha-se firme em sua con-

vicção de que a arte deveria seguir os princípios do realismo e da representação fidedigna.

A hostilidade de Lobato ao modernismo, portanto, pode ser entendida dentro de um contexto mais amplo de transformações culturais e políticas que marcaram o Brasil da época. Se por um lado, o modernismo foi uma tentativa de repensar a identidade nacional e de atualizar as formas de expressão artística, por outro, Lobato representava a voz daqueles que temiam a ruptura com o passado e a adoção de novos paradigmas. Seu conservadorismo artístico estava alinhado a uma visão mais ampla de mundo que privilegiava a ordem e a continuidade, em oposição à experimentação e à mudança.

Conquanto a sua posição antagônica ao Modernismo, é inegável que Lobato desempenhou um papel fundamental no debate cultural do período. Sua crítica à arte moderna abriu espaço para discussões sobre o papel da arte na sociedade e sobre o que deveria ser considerado “arte brasileira”.

Embora suas opiniões tenham sido amplamente rejeitadas pelas gerações seguintes, especialmente pelos modernistas, elas são importantes para compreender as tensões que marcaram o desenvolvimento da cultura brasileira no início do século XX.

Em epítome, Lobato pode ser visto como um crítico de arte antimodernista não apenas por sua rejeição ao modernismo como estilo artístico, mas por sua defesa de uma arte mais tradicional, comprometida com os valores realistas e nacionalistas.

Por final, o seu “*approach*” em *Estética*, posto que em desacordo com os movimentos vanguardistas de sua época, Lobato oferece uma perspectiva valiosa sobre os debates que moldaram a arte brasileira no período pré-modernista e na transição para o Modernismo.

6

**O TALENTOSO DI
CAVALCANTI**

Em início, Di Cavalcanti, nascido Emiliano Augusto Cavalcanti de Albuquerque e Melo, em 6 de setembro de 1897, na cidade do Rio de Janeiro, é uma figura icônica na história da arte brasileira e um dos principais representantes do modernismo no Brasil. Seu trabalho, que abrangeu pintura, ilustração e *design*, reflete um profundo compromisso com a cultura e a sociedade brasileira, destacando-se pela representação vibrante e crítica das cenas urbanas e populares do país.

Igualmente, desde a infância, Di Cavalcanti foi exposto ao mundo das artes. Ele era sobrinho do escritor e abolicionista José do Patrocínio, o que lhe proporcionou um ambiente familiar intelectualmente estimulante. Durante sua juventude, Di Cavalcanti foi morar na cidade de São Paulo para estudar Direito, mas logo abandonou o curso para se dedicar às artes plásticas e ao jornalismo. Nesse período, ele começou a trabalhar como ilustrador para várias revistas e jornais, atividade que desempenhou ao longo de sua carreira.

De outro vértice, o início da carreira artística de Di Cavalcanti coincidiu com um momento de efervescência cultural no Brasil, culminando na Semana de Arte Moderna de 1922, na qual Di Cavalcanti desempenhou um papel fundamental não apenas como participante, mas também como um dos organizadores. Ele foi responsável por criar o catálogo e o cartaz do evento, que foi um marco na história do modernismo brasileiro, desafiando as convenções artísticas tradicionais e promovendo uma nova estética baseada na realidade nacional.

A obra de Di Cavalcanti é conhecida por sua representação do cotidiano brasileiro, especialmente as cenas urbanas das cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, retratando a vida das favelas, os sambistas, os trabalhadores e as festas populares. Sua arte frequentemente destaca figuras negras e mestiças, celebrando a diversidade cultural e racial do Brasil. Em suas pinturas, como em “Samba” (1925), ele capturou a energia e o dinamismo da música e da dança brasileira, usando cores vibrantes e formas fluidas que transmitem movimento e alegria.

Di Cavalcanti foi um artista que se destacou pela combinação de influências europeias e brasileiras. Ele estudou em Paris em 1923, onde foi influenciado por movimentos como o cubismo e o expressionismo, mas sempre retornou às suas raízes brasileiras. Suas obras muitas vezes dialogavam com a realidade social do país, utilizando uma linguagem visual que refletia tanto a sofisticação estética quanto um profundo engajamento social.

Durante a década de 1930, Di Cavalcanti passou a incorporar elementos mais sociais e políticos em suas obras, refletindo as tensões e transformações da sociedade brasileira da época. Ele se envolveu com movimentos políticos de esquerda,

o que se refletiu em suas obras mais engajadas, como em “Operários” (1933), onde explorou temas como a desigualdade social e a luta dos trabalhadores.

Di Cavalcanti também foi um dos poucos artistas de sua época a abordar a sensualidade feminina em suas pinturas de maneira aberta e vibrante. As mulheres em suas obras são frequentemente retratadas com curvas acentuadas, evidenciando uma beleza tropical que se tornou uma assinatura em suas composições. Esta abordagem foi tanto celebrada quanto criticada, mas sem dúvida contribuiu para a singularidade de sua obra.

A de sua contribuição como pintor, Di Cavalcanti também teve um papel importante na ilustração de livros e na produção de murais para edifícios públicos, mostrando a versatilidade de sua arte. Entre seus projetos de maior destaque está a ilustração de obras de importantes escritores brasileiros, como Jorge Amado, com quem manteve uma longa amizade e colaboração artística.

Ao longo de sua vida, Di Cavalcanti participou de diversas exposições no Brasil e no exterior, consolidando sua posição como um dos maiores artistas brasileiros do século XX. Sua obra foi celebrada em exposições individuais e coletivas, recebendo elogios tanto da crítica quanto do público. Em 1953, ele foi premiado na Bienal de São Paulo, solidificando ainda mais sua reputação internacional.

Di Cavalcanti faleceu em 26 de outubro de 1976, deixando um legado artístico que continua a influenciar gerações de artistas no Brasil e no mundo. Sua capacidade de capturar a essência da cultura brasileira e de representar as complexidades sociais do país de maneira estética e provocativa fez dele um pioneiro do modernismo no Brasil.

Sua obra permanece como um testemunho do poder da arte em refletir e transformar a realidade social, celebrando a diversidade e a riqueza cultural de um país multifacetado. A herança de Di Cavalcanti é uma celebração contínua do espírito brasileiro, evidenciada por seu comprometimento com a arte como uma forma de expressão cultural e social.

7

**PEDRO AMÉRICO - ALÉM DA
PINTURA, MUITOS OUTROS
TALENTOS**

Primeiramente, Pedro Américo, um dos mais renomados artistas brasileiros do século XIX, avulta por suas obras grandiosas que retratam momentos cruciais da história do Brasil, como “O Grito do Ipiranga” e “Batalha do Avaí”. No entanto, limitar seu contributo apenas à pintura é negligenciar a vasta gama de talentos e interesses que ele cultivou ao longo de sua vida. Américo foi um verdadeiro polímata, alguém que se destacou em várias áreas do conhecimento, além de suas habilidades artísticas.

Outrossim, nascido em 1843, na cidade de Areia, na Paraíba, Pedro Américo desde cedo demonstrou um intelecto prodigioso. Aos 10 anos, ele já estudava na cidade do Rio de Janeiro, onde chamou a atenção por sua habilidade com o desenho e a pintura. Contudo, seu talento não se restringia às artes visuais. Américo foi também um destacado cientista e acadêmico. Ele se formou em Ciências Naturais pela Universidade de Paris, uma das instituições mais prestigiosas do mundo na época. Sua formação acadêmica robusta permitiu que ele atuasse como professor de Estética e História da Arte, compartilhando seu vasto conhecimento com as gerações futuras.

Ademais disso, Pedro Américo tinha uma paixão pela escrita. Ele era um ávido ensaísta e romancista, dedicando-se à literatura com o mesmo rigor e criatividade que aplicava à pintura. Seus textos, muitas vezes filosóficos, refletiam sobre a arte, a cultura e a sociedade de sua época, oferecendo uma visão crítica e sofisticada sobre os temas mais variados. Um de seus ensaios mais conhecidos, “A Ciência e os Sistemas”, revela seu profundo interesse pela filosofia e pela interconexão entre as diferentes áreas do saber.

A música era outra de suas paixões. Embora não seja tão conhecido por esse aspecto de sua vida, Pedro Américo se aventurou na composição musical, demonstrando sua versatilidade artística. Essa multifacetada carreira fez dele uma figura ímpar na história cultural do Brasil, alguém que transcende os limites de uma única disciplina e que, através de sua vida e obra, inspirou uma visão holística do conhecimento e da criação.

Seu contributo para a educação no Brasil, também merece destaque. Como professor universitário, ele não só formou artistas, mas também inspirou pensadores e cientistas. Seu legado educacional é visível na maneira como ele integrava as ciências, as artes e a filosofia, promovendo uma educação que valorizava tanto a criatividade quanto o rigor científico.

Por conseguinte, Américo foi muito mais do que um pintor talentoso. Ele foi um pensador, um cientista, um escritor, um compositor e um educador cuja influência perdura até os dias de hoje. Sua vida e obra são um testemunho do potencial

humano para transcender as fronteiras do conhecimento e da criatividade, deixando um legado que continua a inspirar e a desafiar as gerações subsequentes a explorar todas as suas capacidades.

Em epítome, Américo se constitui exemplo de como a arte e a ciência podem se complementar, cada uma enriquecendo a outra, e de como o verdadeiro talento é aquele que não conhece limites, mas se expande continuamente na persecução de novos horizontes.

8

**SÉRGIO MILLIET – O CRÍTICO
DE ARTE EXEMPLAR**

Primariamente, Sérgio Milliet, nascido em 20 de setembro de 1898, na cidade de São Paulo, é reconhecido como um dos mais influentes críticos de arte do Brasil. Sua trajetória é marcada por uma vasta e diversificada produção intelectual que abrange desde a crítica de arte até a literatura, passando pela história e o ensaísmo. Filho de imigrantes suíços, Milliet teve uma formação cultural robusta, que lhe permitiu transitar por diferentes esferas do conhecimento com grande desenvoltura.

Destarte, após estudar em escolas europeias, retornou ao Brasil e ingressou na Escola Politécnica de São Paulo, mas não concluiu o curso de engenharia. Em 1920, mudou-se para a Suíça, onde concluiu seus estudos na Universidade de Genebra e entrou em contato com as vanguardas artísticas e literárias europeias. Esse período foi crucial para o desenvolvimento de sua visão crítica e estética.

Outrossim, ao voltar ao Brasil, em 1924, Milliet envolveu-se com o movimento modernista, que estava em plena efervescência após a Semana de Arte Moderna de 1922. Sua participação no movimento consolidou sua posição como um dos principais divulgadores e críticos das novas tendências artísticas no país.

Laborou de jornalista, redatando para diversos periódicos, onde suas críticas eram publicadas regularmente. Milliet foi um defensor fervoroso do modernismo, mas também manteve uma postura crítica, sempre atento às evoluções e contradições do movimento.

Ademais, em 1937, Sérgio Milliet assumiu a direção da Biblioteca Municipal de São Paulo (atual Biblioteca Mário de Andrade), onde realizou um trabalho notável de organização e expansão do acervo. Sob sua gestão, a biblioteca tornou-se um centro cultural dinâmico, promovendo exposições, debates e conferências que atraíam intelectuais e artistas de todo o país.

Milliet também foi um dos fundadores do Museu de Arte de São Paulo (MASP), ao lado de Assis Chateaubriand e Pietro Maria Bardi, contribuindo para a formação de uma das mais importantes coleções de arte da América Latina.

A crítica de arte de Milliet é marcada por um rigor analítico e de profunda sensibilidade estética. Ele não se limitava a descrever as obras, buscava compreender o contexto histórico, social e cultural em que foram produzidas, oferecendo uma visão abrangente e multidimensional.

Seus textos são caracterizados pela clareza e precisão, revelando uma capacidade singular de traduzir a complexidade das obras de arte em palavras acessíveis e envolventes.

Ademais de sua atuação como crítico de arte, Milliet foi um prolífico escritor e tradutor. Traduziu importantes obras da literatura mundial para o português,

contribuindo para a disseminação de grandes clássicos no Brasil. Sua obra literária inclui ensaios, poesia e ficção, refletindo sua vasta erudição e seu compromisso com a cultura e a educação.

Em epítome, Sérgio Milliet, faleceu em 24 de novembro de 1966, mas seu legado permanece vivo. Sua contribuição para a crítica de arte no Brasil é inestimável, e seu trabalho continua a inspirar novas gerações de críticos, historiadores e amantes da arte. Milliet é lembrado não apenas pela sua vasta produção intelectual, mas também pela paixão e dedicação com que se entregou à arte e à cultura.

Por final, seu nome é sinônimo de integridade, conhecimento e amor à arte, um verdadeiro gigante no panorama cultural brasileiro.



9

**TARSILO DO AMARAL – A
PINTORA**

Em preliminar, Tarsila do Amaral é uma das mais célebres pintoras brasileiras, amplamente reconhecida como uma figura central no modernismo brasileiro. Nascida na cidade de Capivari, no interior do estado de São Paulo, em 1º de setembro de 1886, Tarsila veio de uma família rica, o que lhe proporcionou uma educação de qualidade e a possibilidade de viajar e estudar no exterior. Essa formação foi essencial para o desenvolvimento de sua visão artística e para o impacto significativo que teve no cenário artístico brasileiro.

Desde jovem, Tarsila demonstrou interesse pelas artes, mas foi em 1920, durante uma estadia em Paris, que começou a estudar pintura formalmente na *Académie Julian*. Nesse local, teve contato com os movimentos vanguardistas europeus, como o cubismo, o surrealismo e o expressionismo, que influenciaram profundamente seu estilo artístico.

Outrossim, no decorrer da sua permanência na cidade de Paris, Tarsila formou amizades com importantes artistas e intelectuais da época, como Pablo Picasso, Fernand Léger e Constantin Brancusi. Essa convivência com o vibrante cenário artístico europeu foi crucial para o desenvolvimento de um estilo único, que combinava elementos modernos com uma visão voltada para a cultura brasileira.

Tarsila se destacou como uma figura-chave na difusão dos ideais modernistas, trazendo inovação e uma perspectiva crítica à arte brasileira. Embora, Tarsila do Amaral não tenha participado diretamente da Semana de Arte Moderna de 1922, ela é frequentemente associada ao evento devido à sua proximidade com os principais artistas envolvidos, como Oswald de Andrade, Mário de Andrade, Anita Malfatti e Menotti Del Picchia. Juntos, formaram o “Grupo dos Cinco”, que desempenhou um papel fundamental na promoção do modernismo no Brasil.

Destarte, a obra de Tarsila pode ser dividida em três fases principais: a Fase Pau-Brasil, Fase Antropofágica e Fase Social.

A Fase Pau-Brasil (1924-1928), Tarsila buscou valorizar a cultura brasileira através do uso de cores vibrantes e temas nacionais. O nome “Pau-Brasil” refere-se à valorização das raízes brasileiras, em oposição à imitação de estilos europeus. Uma de suas obras mais icônicas dessa fase é “A Negra” (1923), que já demonstra sua busca por uma identidade artística nacional.

Na Fase Antropofágica (1928-1930), Tarsila explorou a ideia de “deglutição cultural”, proposta por Oswald de Andrade no Manifesto Antropofágico. Ela fundiu elementos culturais europeus e brasileiros para criar algo inteiramente novo. A obra-prima dessa fase é “Abaporu” (1928), que se tornou um símbolo do modernismo brasileiro e representa a antropofagia cultural. A pintura apresenta uma figura alongada e desproporcional, remetendo à ideia de devorar e reinterpretar

influências estrangeiras.

Tarsila entrou em sua Fase Social (1933-1938), após uma visita à União Soviética. Durante esse período, ela voltou seu foco para temas sociais e retratou questões de desigualdade e injustiça social no Brasil. Obras como “Operários” (1933), evidenciam sua preocupação com as condições de vida dos trabalhadores, apresentando uma visão crítica e realista da sociedade brasileira.

Tarsila do Amaral é considerada uma das artistas mais importantes do Brasil, e sua obra continua a inspirar gerações de artistas e críticos. Sua habilidade em fundir elementos da cultura brasileira com influências internacionais resultou em uma linguagem artística única, que desafiou e expandiu os limites do modernismo no país.

Em epítome, ademais de sua contribuição artística, Tarsila desempenhou um papel vital na promoção da cultura brasileira no exterior, ajudando a colocar o Brasil no mapa do mundo artístico global. Suas obras são frequentemente exibidas em exposições nacionais e internacionais, e seu legado é celebrado em instituições culturais de renome.

Em final, Tarsila faleceu em 17 de janeiro de 1973, mas seu espírito inovador e sua paixão pela arte brasileira continuam vivos através de suas pinturas, que permanecem como testemunhos vibrantes de sua visão criativa e de sua dedicação à identidade cultural brasileira.



10

**VICTOR MEIRELLES - DE
SANTA CATARINA PARA O
MUNDO**

Victor Meirelles, um dos maiores expoentes da pintura brasileira do século XIX, nasceu na cidade de Florianópolis, em Santa Catarina, em 18 de agosto de 1832. Sua trajetória artística é marcada por uma impressionante combinação de talento, dedicação e reconhecimento, tanto no Brasil quanto no exterior. Desde cedo, Meirelles demonstrou aptidão para as artes visuais, o que o levou a ser incentivado por sua família e amigos a seguir a carreira de pintor.

Igualmente, com apenas 14 anos, Meirelles deixou sua cidade natal para estudar na Academia Imperial de Belas Artes, na cidade do Rio de Janeiro, onde foi aluno de grandes mestres da pintura brasileira. Sua formação acadêmica foi rigorosa, abrangendo técnicas de desenho, pintura e composição, o que lhe permitiu desenvolver um estilo caracterizado pela precisão e pelo detalhamento.

Destarte, o talento de Meirelles logo chamou a atenção de críticos e personalidades da época. Em 1852, ele conquistou o Prêmio de Viagem à Europa, uma das maiores honrarias concedidas pela Academia. Esse prêmio possibilitou ao jovem artista aprofundar seus estudos na Itália e na França, onde entrou em contato com as principais correntes artísticas da época, incluindo o neoclassicismo e o romantismo.

Durante sua estadia na Europa, Meirelles criou algumas de suas obras mais emblemáticas, como a “Primeira Missa no Brasil”, concluída em 1861. Esta obra monumental, que retrata o primeiro contato entre os colonizadores portugueses e os povos indígenas, é considerada um marco na pintura histórica brasileira e um exemplo do domínio técnico de Meirelles. A tela foi amplamente elogiada tanto no Brasil quanto no exterior, consolidando a reputação internacional do artista.

Ademais de sua obra-prima “Primeira Missa no Brasil”, Meirelles também é conhecido por outras pinturas históricas de grande relevância, como “A Batalha dos Guararapes” e “Combate Naval do Riachuelo”. Estas obras não só documentam eventos importantes da história brasileira, mas também demonstram a habilidade do artista em capturar o movimento e a emoção de cenas de batalha, combinando realismo com uma narrativa visual envolvente.

Ao longo de sua carreira, Victor Meirelles participou de diversas exposições internacionais, incluindo o Salão de Paris, onde suas obras foram expostas ao lado das de grandes mestres europeus. Seu sucesso no exterior foi reflexo de sua capacidade de adaptar as tradições artísticas europeias ao contexto brasileiro, criando uma ponte entre o Velho e o Novo Mundo.

Meirelles também foi professor na Academia Imperial de Belas Artes, onde influenciou uma nova geração de artistas brasileiros. Seu legado como educador é

igualmente notável, pois ele não apenas transmitiu seus conhecimentos técnicos, mas inspirou seus alunos a explorar a identidade cultural brasileira em suas obras.

Victor Meirelles faleceu em 22 de fevereiro de 1903, no Rio de Janeiro, deixando um legado indelével na história da arte brasileira. Sua obra continua a ser celebrada e estudada por sua contribuição à formação de uma identidade visual nacional e por seu papel em levar a arte brasileira ao reconhecimento internacional.

Em epítome, de Santa Catarina para o mundo, Victor Meirelles permanece como um ícone da pintura, cujo impacto transcende cercanias e épocas.



11

**A RELEVÂNCIA DA ARTE NA
UNIVERSIDADE**

Primeiramente, a presença da arte no ambiente universitário se constitui em elemento essencial para a formação integral dos estudantes e para o fortalecimento da produção de conhecimento crítico, criativo e sensível. Muito além de um adorno e uma atividade extracurricular, a arte, quando inserida de forma estruturada nas universidades, potencializa o desenvolvimento humano, amplia horizontes culturais e oferece aos estudantes a oportunidade de interpretar o mundo sob novas perspectivas.

A universidade, por sua natureza, é um espaço de pluralidade e reflexão, o que torna o campo artístico um aliado indispensável na promoção da diversidade de pensamentos e na construção de uma sociedade mais sensível às questões humanas e sociais.

A arte, em suas múltiplas linguagens — como as artes visuais, a música, o teatro, a dança, a literatura e o audiovisual — proporciona aos estudantes um contato direto com expressões culturais diversas, despertando neles o senso crítico e a empatia. Ao refletirem sobre temas complexos por meio da arte, os estudantes são estimulados a desenvolver a capacidade de questionar, criar e comunicar ideias de maneira mais livre e inventiva.

Nesse sentido, a arte se torna um importante instrumento de resistência e de debate social, contribuindo para o enfrentamento das desigualdades e para a valorização das diferentes identidades e manifestações culturais presentes na sociedade.

Ademais disso, o contato com a arte na universidade favorece a saúde mental dos estudantes, criando espaços de expressão e de acolhimento. A rotina acadêmica, muitas vezes marcada pela pressão por resultados e pelo ritmo acelerado das atividades, encontra na arte uma válvula de escape e uma fonte de equilíbrio emocional.

Destarte, oficinas artísticas, grupos de teatro, exposições, festivais culturais e atividades semelhantes permitem que os estudantes explorem sentimentos, compartilhem experiências e encontrem novas formas de lidar com os desafios da vida universitária e pessoal.

Do ponto de vista acadêmico, a arte também desempenha um papel fundamental na pesquisa e na extensão universitária. Ao ser tratada como objeto de estudo, a arte amplia o campo do conhecimento e contribui para a produção de saberes interdisciplinares, que dialogam com áreas como filosofia, sociologia, antropologia, psicologia e história.

Os projetos de extensão artística, por sua vez, aproximam a universidade da comunidade, promovendo o acesso à cultura e incentivando a transformação so-

cial por meio de ações culturais que envolvem a população local.

Nesse contexto, uma universidade que valoriza e incentiva as expressões artísticas em sua estrutura curricular e extracurricular demonstra seu compromisso com uma educação humanizadora e libertadora.

Por conseguinte, a arte não representa um luxo ou um complemento, mas uma necessidade para a formação de profissionais mais sensíveis, criativos e preparados para enfrentar os desafios de um mundo cada vez mais complexo e interconectado. Ao garantir espaço para a arte, a universidade reafirma seu papel como um espaço de reflexão, criação e transformação social.

Em epítome, a figura-se inegável a relevância da arte na universidade como agente formador de cidadãos críticos, criativos e socialmente engajados.



12

EXPOSIÇÃO “OS UMANOS” DE DANIEL PARDAL

Em preliminar, a exposição “Os Umanos”, de Daniel Pardal Monteiro, apresenta uma proposta instigante ao desafiar as convenções sobre identidade e existência por meio de suas figuras atemporais e destituídas de limites rígidos.

Ao subtrair o “H” de “homem”, o artista não apenas sugere um novo conceito de humanidade, mas também amplia a noção do ser como uma entidade universal, desvinculada de rótulos e classificações pré-determinadas. Suas obras transitam entre o surreal e o onírico, criando um jogo visual que questiona a percepção da realidade e convida o espectador a refletir sobre sua própria existência.

O uso de formas que giram num movimento contínuo reforça a ideia de uma condição humana sem começo nem fim, sugerindo uma fusão entre o tangível e o imaginário.

A intersecção entre sonho e realidade se manifesta na construção dessas figuras, que parecem flutuar em um espaço indefinido, como se estivessem presas em um ciclo eterno de transformação.

Essa desconstrução da identidade humana, promovida por Pardal Monteiro, ressoa com questões filosóficas e existenciais que ultrapassam os limites da arte e tocam diretamente o pensamento contemporâneo. Ao remover os traços que individualizam o ser, o artista propõe uma humanidade que não se define por aspectos físicos e sociais, mas sim por sua essência e sua conexão com o todo.

Essa abordagem desperta no público um misto de fascínio e estranhamento, levando à reflexão sobre os conceitos de pertencimento, alteridade e fluidez identitária.

Ademais da carga simbólica, presente nas formas representadas, a materialidade da obra desempenha um papel essencial na experiência estética. A escolha de cores, texturas e composições sugere um dinamismo que reforça a ideia de movimento contínuo, como se essas figuras nunca estivessem completamente formadas e fixadas em um único estado. Esse caráter transitório reflete a própria condição humana, marcada pela impermanência e pela transformação constante.

De outro vértice, “Os Umanos” extrapola os limites da pintura e da escultura, tornando-se uma experiência imersiva que convida à introspecção e ao questionamento. Ao desafiar o espectador a enxergar além do visível e a abandonar categorias rígidas de compreensão, a exposição não apenas impressiona visualmente, mas provoca um impacto profundo na forma como percebemos a nós mesmos e aos outros.

Destarte, a exposição não apenas apresenta imagens, mas propõe uma experiência sensorial e filosófica, na qual o público se vê imerso em um universo simbó-

lico que transcende os limites do que é visível e compreensível.

A par disso, a obra de Pardal se insere em uma tradição artística que explora o não-razoável e o impossível, ecoando elementos do surrealismo ao transformar o banal em fantástico.

Por conseguinte, o trabalho de Pardal provoca inquietação ao desconstruir a figura humana e dissolvê-la em um conceito mais amplo, onde a identidade individual se dilui em uma ideia coletiva de existência.

Em epítome, ao final, “Os Umanos” se configura em uma reflexão poderosa sobre a ontologia humana na contemporaneidade, reptando nosso olhar e expandindo nossa compreensão sobre nós mesmos e o mundo que nos cerca.





13

QUAIS SÃO AS ARTES VISUAIS?

Preliminarmente, as Artes Visuais englobam uma ampla variedade de formas de expressão artística que utiliza elementos visuais para transmitir ideias, emoções e narrativas. Essas manifestações podem ser tradicionais, como a Pintura, e contemporâneas, como o Cinema

Nas Artes Visuais, avultam as seguintes categorias:

- Pintura - A pintura é uma das formas mais antigas de arte visual e consiste na aplicação de pigmentos sobre uma superfície, como tela, madeira ou papel. Diversos estilos e técnicas foram desenvolvidos ao longo da história, como o impressionismo, o expressionismo e o realismo.
- Escultura - A escultura envolve a criação de formas tridimensionais, a partir de materiais como pedra, madeira, metal, argila e resina. Essa arte pode ser figurativa ou abstrata, dependendo da intenção do artista e do contexto em que é produzida.
- Desenho - O desenho é a base de muitas outras formas de arte visual e pode ser feito com lápis, carvão, caneta ou outros materiais. Ele é amplamente utilizado tanto no planejamento de obras quanto como uma arte final em si.
- Fotografia - A fotografia utiliza câmeras para capturar imagens da realidade ou criar composições artísticas. Com a evolução da tecnologia, a fotografia digital se tornou uma importante ferramenta na produção artística contemporânea.
- Gravura - A gravura é um processo de reprodução de imagens por meio da incisão de matrizes, como madeira, metal ou linóleo, que são entintadas e prensadas sobre papel. Técnicas como a xilogravura e a litografia são amplamente utilizadas nesse campo.
- Cinema - O Cinema explora a imagem em movimento para contar histórias ou criar experiências visuais experimentais. Enquanto o cinema tradicional é voltado para narrativas, a vídeo arte se aproxima mais da experimentação artística.

Em última análise, as Artes Visuais desempenham papel fundamental na cultura e na sociedade, refletindo épocas, contextos e sentimentos humanos.

Por final, com o avanço das tecnologias, novas formas de expressão continuam surgindo, ampliando ainda mais esse universo criativo.



14

**EXPOSIÇÃO “AMOR SEM
OBSTÁCULOS”**

Em primeiro lugar, a Exposição “Amor sem Obstáculos”, atualmente em exibição no Espaço Cultural Cruz e Souza da Assembleia Legislativa de Santa Catarina, na cidade de Florianópolis, fornece poderoso testemunho da força e resiliência do amor em meio às adversidades.

A mostra, que se destaca não apenas pela qualidade estética das fotografias, mas também pela profundidade emocional que transmite, explora a capacidade do amor de superar obstáculos e desafios, revelando a essência intrínseca deste sentimento universal.

Outrossim, o Espaço Cultural Cruz e Souza, conhecido por seu compromisso com a promoção da arte e da cultura, proporciona o cenário ideal para a exposição, conferindo à mostra uma atmosfera de reflexão e apreciação.

As imagens expostas são uma celebração da capacidade humana de amar e de enfrentar dificuldades, representando momentos de ternura e solidariedade que transcendem as barreiras impostas pela vida.

Cada fotografia na exposição “Amor sem Obstáculos” é cuidadosamente elaborada para capturar não apenas a estética do instante, mas também a profundidade do sentimento que o permeia.

As imagens, que vão desde gestos íntimos e cotidianos até momentos de grande impacto emocional, revelam a força transformadora do amor.

A exposição aborda diversas dimensões do amor, incluindo o amor romântico, o amor familiar, o amor entre amigos e o amor altruísta, evidenciando como cada um desses tipos de amor contribui para a construção de uma vida mais rica e significativa. Os visitantes da exposição são convidados a refletir sobre suas próprias experiências e percepções do amor.

A curadoria, com uma sensibilidade notável, selecionou imagens que não só capturam a beleza e a complexidade do amor, mas também incentivam o espectador a ponderar sobre como o amor pode ser um agente de mudança e superação em suas próprias vidas.

A presença desta exposição no Espaço Cultural Cruz e Souza também destaca a importância da arte como meio de promover diálogos sobre temas profundos e relevantes.

Ao refletir sobre o poder do amor, a mostra serve como um lembrete de que, mesmo em face das vicissitudes, o amor tem o potencial de iluminar caminhos e fortalecer laços.

Em epítome, “Amor sem Obstáculos” não se configura apenas em uma exposição de fotografias, mas uma experiência imersiva que provoca uma reavaliação

das próprias perspectivas sobre o amor e sua influência nas nossas vidas.

Por final, a exposição oferece uma oportunidade única para se testemunhar e celebrar a resiliência do amor em todas as suas formas, destacando sua capacidade de transcender desafios e trazer esperança e conexão em momentos de dificuldade.



15

EXPOSIÇÃO “ÁGUA, UMA MARAVILHA DA NATUREZA”

Em primeiro lugar, a exposição “Água, uma Maravilha da Natureza” realizada na Assembleia Legislativa de Santa Catarina (ALESC), na cidade de Florianópolis, destaca-se como evento de grande relevância cultural e ambiental, proporcionando ao público uma reflexão profunda sobre a importância e a beleza dos recursos hídricos.

O evento, promovido pela Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC), consiste na exibição das fotografias premiadas no “Prêmio Universitário de Fotografia UDESC 2023”. O concurso reuniu trabalhos que, por meio de lentes, capturaram a essência e o poder transformador da água.

Outrossim, a mostra impressiona não só pela qualidade técnica das imagens, mas também pela sensibilidade com que os fotógrafos abordaram o tema. A água, em suas múltiplas formas e significados, é representada de maneira poética, evidenciando tanto sua grandiosidade quanto sua fragilidade. As fotos selecionadas passaram por um criterioso processo de avaliação, não apenas pela técnica e estética visual, mas também pela capacidade de comunicar mensagens poderosas sobre a preservação ambiental e os desafios globais relacionados à sustentabilidade.

Destarte, um dos aspectos que torna essa exposição singular é a curadoria cuidadosa das denominações das fotografias. Cada nome atribuído a uma obra é pensado meticulosamente para complementar a imagem, ampliando sua narrativa e promovendo uma maior conexão com o observador. As denominações funcionam quase como poemas breves, convidando o público a uma imersão mais profunda na interpretação de cada fotografia. Palavras cuidadosamente escolhidas guiam a contemplação, evocando emoções que vão da serenidade à inquietação, de acordo com a mensagem de cada imagem.

Entre os destaques da exposição, estão obras que retratam a água em suas manifestações mais imponentes, como cachoeiras caudalosas e oceanos vastos, até representações mais delicadas, como gotas de orvalho sobre folhas ou o reflexo de um riacho tranquilo. Cada fotografia convida o espectador a refletir sobre a relação da humanidade com esse recurso vital, ressaltando tanto sua beleza inerente quanto os riscos que a falta de conscientização e cuidado ambiental podem acarretar.

Poe conseguinte, a exposição “Água, uma Maravilha da Natureza” é, acima de tudo, um convite à conscientização. Ao trazer as vozes de jovens fotógrafos universitários para o centro do debate, a UDESC reforça seu compromisso com a educação ambiental e o incentivo à expressão artística. O evento se insere em um contexto mais amplo de iniciativas voltadas para a sustentabilidade e a preservação do meio ambiente, despertando no público o desejo de proteger e valorizar

esse recurso essencial para a vida.

A escolha da ALESC como espaço expositivo reforça a conexão entre arte e política, destacando a necessidade de políticas públicas eficazes para a preservação dos recursos hídricos. O diálogo entre arte e legislação, simbolizado por essa mostra, sublinha a importância da cooperação entre as diferentes esferas da sociedade na luta pela preservação da natureza.

Ainda impende trazer à colação o manual que hospeda as fotos e explicações pertinentes, que se reveste de utilidade.

Em epítome, a exposição não é apenas uma celebração da fotografia e da natureza, mas um chamado à ação coletiva em prol do meio ambiente.

Por final, por meio das aludidas fotografias, o público é convidado a redescobrir a água como fonte de vida, inspiração e responsabilidade compartilhada.



16

**FERREIRA GULLAR - O
CRÍTICO DE ARTE**

Ferreira Gullar, nascido José Ribamar Ferreira no estado Maranhão, em 1930, é amplamente reconhecido como um dos maiores poetas e intelectuais brasileiros do século XX. Sua contribuição para a cultura brasileira ultrapassa as fronteiras da poesia, e sua “performance” como crítico de arte é uma faceta fundamental de sua obra.

Gullar se destacou por suas análises sobre o cenário artístico e cultural do Brasil, suas reflexões tornaram-se um elo entre a arte e a sociedade em um período de intensas transformações políticas e sociais.

Em sua trajetória como crítico, Gullar não apenas foi um observador, mas também um interlocutor fundamental no entendimento da arte moderna e contemporânea brasileira.

Desde muito jovem, Gullar demonstrou uma postura crítica diante da realidade e das estruturas dominantes. Sua formação intelectual se deu, em grande parte, na década de 1950, quando o Brasil vivia um período de efervescência cultural, com o nascimento de movimentos como o concretismo e a poesia visual.

Sua experiência como crítico de arte esteve intimamente ligada ao seu engajamento com a arte moderna e com as novas propostas estéticas que surgiam nesse período.

Gullar tinha uma visão singular sobre a arte: ele acreditava que a arte deveria ser entendida como um meio de transformação e não apenas como um reflexo da realidade. Uma das primeiras e mais importantes contribuições de Ferreira Gullar como crítico foi no campo da análise da pintura e da escultura, sobretudo em sua relação com a literatura.

Ele via a arte como uma linguagem, com seus próprios códigos e significados, e procurava compreender as obras artísticas dentro de um contexto social e histórico.

Gullar não aceitava uma arte que fosse apenas estética ou descompromissada com o mundo. Para ele, a arte tinha uma função política, um papel na formação da consciência crítica da sociedade.

Ademais disso, Gullar foi um defensor da arte concreta, embora soubesse reconhecer as limitações de suas propostas. O movimento, que surgiu na década de 1950, buscava romper com as formas tradicionais de representação e valorizar a linguagem visual em sua pureza. A estética concreta, no entanto, enfrentou críticas por sua aparente desumanização da arte e pelo distanciamento das questões sociais.

Destarte, Gullar, em sua crítica, foi um mediador importante entre as dife-

rentes vertentes artísticas que coexistiam no Brasil da época, defendendo a arte concreta, mas sem desconsiderar a importância da arte figurativa e a sua conexão com o povo.

Um dos momentos mais emblemáticos da crítica de Gullar foi durante o regime militar, quando o Brasil vivia um período de repressão e censura. Nesse contexto, ele se alinhou com os artistas que lutavam contra a ditadura, com um discurso que unia a crítica à arte à crítica ao regime político.

Gullar teve sua obra censurada e foi perseguido por suas ideias, mas isso não o impediu de continuar a se posicionar e de oferecer uma análise refinada das obras de arte que surgiam nesse período. Ele enxergava a arte como uma forma de resistência, uma maneira de contestar o *status quo* e de refletir sobre as injustiças sociais.

Outrossim, Gullar foi um observador atento das mudanças na arte contemporânea, especialmente no que se refere ao processo da globalização e o impacto das novas tecnologias. Ele acreditava que a arte brasileira deveria encontrar um equilíbrio entre o reconhecimento de sua própria identidade e a adaptação aos novos tempos.

Esse olhar crítico e ao mesmo tempo aberto ao novo é uma das marcas do seu trabalho como crítico.

No campo literário, a atuação de Ferreira Gullar como crítico de arte se complementa com sua escrita poética. Sua obra poética, profundamente engajada com as questões sociais e existenciais, possui uma forte ligação com o campo da arte visual. Em sua poesia, a imagem e a linguagem se entrelaçam de maneira única, refletindo sua concepção de que a arte deve ser uma experiência sensível e intelectualmente provocadora.

Em epítome, Ferreira Gullar foi um crítico de arte que não apenas analisava e interpretava as obras de seus contemporâneos, se envolvendo profundamente no processo criativo e com a conjuntura política e social que moldava a produção artística. Seu legado como crítico de arte é, portanto, indissociável de sua trajetória como poeta e pensador, tornando-o uma figura crucial para a compreensão da arte moderna e contemporânea no Brasil.

Por final, Gullar soube, como poucos, integrar a crítica de arte à reflexão social, política e filosófica, tornando-se uma das maiores referências no campo da cultura brasileira.

Critica de Arte – Pintura I oferece uma coletânea de textos críticos publicados originalmente na imprensa, compondo um valioso registro das dinâmicas da arte pictórica ao longo das últimas décadas. A obra analisa, sob múltiplos pontos de vista, os movimentos artísticos, suas implicações sociais e estéticas, e o papel da crítica como mediadora cultural. Ao contemplar desde as vanguardas até a produção contemporânea, o livro propõe um exercício hermenêutico, privilegiando a multiplicidade de leituras e a complexidade do fenômeno artístico. Um convite à reflexão crítica e à participação ativa no debate sobre o fazer artístico.

